

# O Conceito de Dificuldade de Aprendizagem como “Esponja Sociológica”: Contrastes com a Visão dos Antigos Gregos

Milton Luiz Torres<sup>1</sup>

Tania Maria Lopes Torres<sup>2</sup>

## RESUMO

Os especialistas têm insistido que o campo das dificuldades de aprendizagem se tornou o que se convencionou chamar de “esponja sociológica”, metáfora que reflete o fato de que o conceito veio a absorver uma grande diversidade de problemas educacionais cada vez mais complexos que exigem resolução urgente. Isso explica, de fato, por que os alunos com dificuldade de aprendizagem equivalem, a partir do início do novo século, a uma grande porcentagem da população escolar com necessidades especiais. Portanto, o estudo da origem remota do conceito e sua delimitação histórica podem contribuir para uma definição mais precisa da gama de dificuldades que o conceito, de fato, deveria comportar. A escola foi o objeto de algumas anedotas gregas do início da era cristã. O que será que essas facécias desprezíveis podem nos revelar sobre os estereótipos da dificuldade de aprendizagem no final da Antiguidade? Que aspectos peculiares da vida escolar revelam? Trata-se, portanto, de uma análise linguística da expressão *aphyês mathêtês* (“estudante incapaz”) na antiga literatura grega, com especial atenção para as anedotas feitas sobre esse estereótipo. O objetivo principal foi, portanto, elucidar historicamente como se tratava da dificuldade de aprendizagem nos primórdios da educação formal, verificar se o conceito de “dificuldade de aprendizagem” já existia na Antiguidade, e delimitar o seu sentido remoto mais original. A metodologia consistiu na busca eletrônica da expressão *aphyês* (“incapaz”) e outras equivalentes em todas as suas ocorrências na antiga literatura grega, e na formação de um pequeno *corpus* de análise contendo suas ocorrências no contexto educacional. O exame das anedotas sobre a dificuldade de aprendizagem revelou que o estereótipo gravitava em torno da expressão “aluno incapaz” (*aphyês mathêtês*) e que, por outro lado, havia igualmente anedotas sobre o estereótipo do “professor incompetente” (*aphyês didaskalos*). Outras passagens da Antiguidade grega corroboram o estigma imposto sobre tais alunos e sugerem que a incapacidade de aprender se devia mais a características indesejáveis da personalidade ou à falta de propensão natural para os estudos do que a uma incapacidade cognitiva propriamente dita, essas faltas podendo ser remediadas mediante esforços bem direcionados do professor. A análise mostra, ainda, que outras expressões pejorativas apareciam em situações de preconceito (*anagôgia*, *amathia* e *apaideusia*), mas, em geral, sugeriam mais falta de educação do que resistência à educação ou dificuldade de aprendizagem. Pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: **Dificuldade de aprendizagem; Filólogo; Esponja sociológica.**

---

<sup>1</sup> Professor do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC).

<sup>2</sup> Aluna do Doutorado em Ciências Sociais da PUC-SP; professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC).

## Introdução

Os especialistas têm insistido que o campo das dificuldades de aprendizagem se tornou o que se convencionou chamar de “esponja sociológica”, metáfora que reflete o fato de que o conceito veio a absorver uma grande diversidade de problemas educacionais cada vez mais complexos que exigem resolução urgente (CRUZ, 1999; SANTOS 2006). Trata-se, em verdade, de uma espécie de panaceia reversa, em que os mais diversos problemas educacionais são abrigados sob um único guarda-chuva conceitual. Isso explica, de fato, por que os alunos com dificuldade de aprendizagem equivalem, a partir do início do novo século, a 50% da população escolar com necessidades especiais (CORREIA; MARTINS, 1999; SANTOS 2006). Portanto, o estudo da origem remota do conceito e sua delimitação histórica podem contribuir para uma definição mais precisa da gama de dificuldades que o conceito, de fato, deveria comportar.

A escola foi o objeto de algumas anedotas gregas do início da era cristã. O que será que essas facécias desprezíveis podem nos revelar sobre os estereótipos da dificuldade de aprendizagem no final da Antiguidade? Que aspectos peculiares da vida escolar revelam? Em **Ateneu** 614d-e, menciona-se que Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande, encomendou de Atenas um livro de piadas e pagou caro por ele. No séc. II a.C., Plauto menciona, por duas vezes, a existência desses livros (**Persa** 392 e **Stichus** 400). De fato, os livros de piada vêm de uma longa história na tradição oral (QUINN, 2001). O que parece é que tais livros forneciam o repertório de piadas empregadas pelos parasitas no contexto dos banquetes ou da barbearia, lugar tradicional da fofoca masculina. O **Suda**, uma espécie de enciclopédia grega da era medieval, declara especificamente:

τὸν Φιλόγελων, ἤγουν τὸ βιβλίον τὸ φερόμενον εἰς τὸν Κουρέα

**Filógelo**, o livro que geralmente se traz para a barbearia”.

A referência do **Suda** é à obra **Filógelo** (THIERFELDER, 1968), um texto grego do séc. IV ou V, que os manuscritos geralmente atribuem aos compiladores Hiérocles, um filósofo neo-platônico, e Filágrio, o sofista. O título, que pode ser traduzido como “viciado em riso” ou “amante da risada”, revela a natureza de seu conteúdo: trata-se do mais antigo livro de piadas a nos chegar da era greco-romana. O “barbeiro” (*koureus*) aparece, aliás, em duas anedotas do livro (56 e 198).

## Metodologia

Famoso por sua escassez de piadas “sujas”, o **Filógelo** inclui uma coleção de 265 anedotas sobre os mais variados temas e personagens, algumas das quais versam sobre a vida escolar. Jennings (2001), ao comentar sobre a nova edição e tradução do **Filógelo** por Dawe (2000), sugere que o estudo de anedotas pode incrementar nossa compreensão dos estereótipos da Antiguidade. As anedotas do **Filógelo** são curtas e ao ponto. Parecem conservar apenas o teor geral de uma ideia que o piadista deve adaptar a seus modos e objetivos, tornando-a oralmente mais gráfica e atrativa. Seu principal objeto de riso é o *scholastikos*, personagem típico (*stock character*) imortalizado pelas antigas comédias áticas (TORRES, 2014). Trata-se, em geral, de uma pessoa que se faz passar por sabichão. No entanto, para Andreassi (2004, p. 43-51), nessa época o termo já tinha perdido o sentido bastante técnico do “erudito pedante” e simplesmente assinalava que o ouvinte estava diante de uma anedota, assim como as crianças sabem, hoje, que estão diante de um conto de fadas quando ouvem a expressão “era uma vez”.

Há, no **Filólogo**, duas piadas sobre o aluno com dificuldades de aprendizagem. Este aparece, em geral, qualificado pelo adjetivo *aphyês*, que tem precisamente o sentido de “sem disposições naturais, sem talento, incapaz”, uma vez que o substantivo do qual deriva é *aphyia*, “incapacidade natural” (PEREIRA, 1990?, p. 97). Trata-se do antônimo de *euphyês*, “que cresce com louçania, dotado de boas disposições” (PEREIRA, 1990?, p. 247). Platão explica, na **República** (455b5), a diferença exata entre os dois termos: *euphyês* se diz de quem aprende algo “facilmente” (*radiôs*) e *aphyês*, de quem o faz “com dificuldade” (*chalepôs*), uma explicação várias vezes repetidas pelos autores antigos. Portanto, o adjetivo *aphyês* não implicava que o aluno não conseguia aprender, mas que tinha dificuldade de fazê-lo. Em um episódio famoso da **Vida de Licurgo** (11.1-4), Plutarco narra, por exemplo, como Alcandro, um jovem “incapaz” (*aphyês*) por causa de seu temperamento “precipitado” (*oxys*) e “estourado” (*thymoeidês*), cegou, inadvertidamente, o lendário legislador de Esparta. A despeito disso, Licurgo o levou para casa a fim de educá-lo e, segundo Plutarco, o transformou “de jovem perverso e teimoso” (*ek ponerou neou kai authadous*) em um “homem muito elegante e comedido” (*emmelestatos anêr kai sôphronikôtatos*).

A metodologia consistiu, portanto, na busca eletrônica da expressão *aphyês* (“incapaz”) e outras equivalentes no banco de dados do **Thesaurus Linguae Graecae**, em todas as suas ocorrências na antiga literatura grega, e na formação de um pequeno *corpus* de análise contendo suas ocorrências no contexto educacional.

## Resultados e análise

Os termos *anagôgia* (“falta de educação”), *amathia* (“falta de aprendizado”) e *apaideusia* (“falta de instrução, impotência para dominar [conteúdos]”), com significados equivalentes a *aphyia* (“incapacidade natural”) (PEREIRA, 1990?, p. 29, 63, 97), não aparecem no **Filólogo** e descrevem, em geral, mais a falta de exposição à educação do que a dificuldade de aprender. Plutarco, por exemplo, usa duas das três palavras (*aphyês* e *amathês*) para criticar um único homem: Públio Costa, rábula insignificante da época de Cícero (**Vida de Cícero** 11.4), enquanto o filósofo Porfírio (**História da filosofia** 11.32) e o epistológrafo Aristeneto (livro 1, carta 4, linha 12) usam outra combinação na mesma frase: *aphyês* (“incapaz”) e *apaideutos* (“sem instrução”). Prevalece, porém, a noção de que a expressão *aphyês pros paideian* (“dificuldade de aprendizado”), como aparece, por exemplo, no comentário de Proclo (1.253.8) à famosa passagem platônica que explica a diferença entre dificuldade e facilidade de aprendizado, é a que mais se aproxima do conceito da pedagogia atual.

Também na Antiguidade estereótipos eram atribuídos aos alunos com dificuldades de aprendizado. Fócio (**Léxico** 130.10), patriarca de Constantinopla, explica que “quem era lento para compreender ou aprender” (*bradys noêsai ê aphyês*) era comumente chamado de “burro” (*kanthêlios*). Para o escoliasta das **Nuvens** de Aristófanes, o *aphyês* é um “idiota” (*môros*) e “sem-recursos” (*aporos*). Para o escoliasta de Sófocles, era um “ingênuo por natureza” (*akakos apo physeôs*). O **Suda** explica que a *apaideusia* era considerada equivalente à “idiotice” (*skaiotês* ou *môria*, S.550.1) e que a fala de uma pessoa que dela padecia era comparável ao “grunhido dos porcos” (*hyomousia* ou *choirôdia*, Y.122.1). O escoliasta de **Rãs** (v. 681) chama de “pardal” (*chelidôn*) a pessoa com essa dificuldade. Um antigo comentarista da **Arte gramatical** (442.16), de Dionísio Trácio, cita a máxima:

ὁ δεῖνα ἀφυῆς μὲν ἐστὶ πρὸς παιδευσιν, ὁμῶς δὲ φοιτᾷ τῷ διδασκάλῳ

o fulano que tem dificuldade de aprendizagem é o mesmo que vive incomodando o professor

O verbo *phoitaô*, “ir e vir sem cessar” (PEREIRA, 1990?, p. 617), alude aos incômodos oriundos da constante atenção que se exige do professor no caso de um aluno “incapaz”. A ideia de que ter dificuldade de aprendizado equivale a incomodar o professor vem do uso balanceado das conjunções correlativas *men* e *de*. “Se, por um lado, tem dificuldades; por outro, incomoda o professor...”.

A anedota 199 é a primeira do **Filólogo** a fazer referência ao “aluno incapaz”. Nesse caso, o rapaz se vê em dificuldades enquanto os colegas se paramentam provavelmente para os exercícios na aula de educação física:

Ἀφυῆς μαθητῆς κακῶς τινα κείρας καὶ παρωνυχίδας ποιήσας καὶ διὰ τοῦτο ὑπὸ τοῦ ὄνουχιζομένου ἀπωσθεὶς ἀνεβόησεν Ἐπιστάτα, τί οὐκ ἀφίης<ι> με μαθεῖν;

*Um aluno incapaz corta muito mal o cabelo e faz um unheiro no outro aluno. Por essa razão, é empurrado por aquele cujas unhas haviam sido aparadas e grita: - Treinador, por que ele não me deixa aprender?*

O fato de o aluno chamar o professor de “treinador” (*epistatês*) sugere o contexto do ginásio. Apesar disso, a palavra tem também o sentido de “supervisor” e, por isso, pode ambientar o episódio na própria sala de aula. O aluno corta as unhas de seu colega no sabugo. O uso da expressão *parônychidas poiêsas* sugere que o aluno “fez panarício” ou “unheiro”, ferindo, portanto, a pessoa em quem praticava. A graça da piada reside no fato de o aluno com dificuldades de aprendizado estranhar a atitude de sua “vítima”, exigindo do treinador uma oportunidade de aprender.

Parece que a questão de aprender a aparar as unhas era uma parte importante do currículo, já que a anedota 200 versa sobre o mesmo tema:

Ἀφυῆς μαθητῆς ὑπὸ τοῦ ἐπιστάτου κελευσθεὶς ὄνουχίσαι οἰκοδεσπότην ἐδάκρυσεν. τοῦ δὲ τὴν αἰτίαν ἐρωτήσαντος ἔφη Φοβοῦμαι καὶ κλαίω· μέλλω γὰρ τραυματίσαι σε, καὶ παρωνυχίδας ποιήσεις, καὶ τύψει με ὁ ἐπιστάτης.

*Um aluno incapaz chorou quando o treinador mandou que cortasse as unhas de certo senhor. Quando este lhe perguntou a razão, ele respondeu: - Estou chorando porque tenho medo. Eu vou machucar você; eu vou fazer um unheiro, e o treinador vai me bater.*

As anedotas sobre a incompetência de alunos (199 e 200) e professores (140, 196 e 197) mostram que a vocação para o ensino e o aprendizado sempre foram relativas, contingentes a interesses pessoais, disposição e habilidades naturais. A anedota 200 fala também da realidade da punição física em caso de desempenho insatisfatório.

A anedota 61 não menciona o “aluno incapaz” (*aphyês mathêtês*), mas é possível deduzir que o mau comportamento do aluno em questão tenha por causa alguma dificuldade de aprendizado:

Σχολαστικὸς χαμαιιδάσκαλος ἄφνω ἀποβλέψας εἰς τὴν γωνίαν ἐβόησε· Διονύσιος ἐν τῇ γωνίᾳ ἀτακτεῖ.

*Um professor primário sabichão olha, de repente, para o canto e grita:  
Dionísio está reinando no canto!*

Nesta anedota, nota-se que o educador é identificado como “professor primário” (*chamaididaskalos*). O termo significa, literalmente, “aquele que ensina no chão”, uma provável referência ao fato de que esse professor lida com crianças pequenas que ainda se voltam mais para jogos lúdicos do que para o aprendizado de conteúdos propriamente ditos. Esse professor é o objeto da piada; por isso, sua identificação como “pedante” ou “sabichão” (*scholastikos*). O mestre está provavelmente disciplinando um aluno chamado Dionísio, aliás um nome perfeito para as intenções do piadista, uma vez que faz referência ao deus da embriaguez e da vida desregrada. Apesar de tê-lo colocado de castigo em um “canto” (*gônia*) da sala, parece que o menino ainda não estava se comportando devidamente. Por isso, ao perceber esse fato, o professor se incomoda e reclama que Dionísio está “reinando” no canto em que está de castigo. Obviamente, a declaração é, em si mesma, absurda. O verbo *atakteô*, traduzido por “reinar”, significa “suscitar uma rebelião”, “agir subversivamente” ou “levar uma vida desordenada”. O vocábulo parece dramático demais para a situação e revela a natureza pedante da fala do professor. Daí a graça da facécia.

A anedota 61 revela que, como hoje, os professores enfrentavam, na Antiguidade tardia, o mau comportamento de alguns alunos insubordinados e difíceis de engajar no processo educativo.

### **Conclusões**

O exame de duas anedotas do **Filógelo** sobre o aluno com dificuldades de aprendizagem revela que o estereótipo gravitava em torno da expressão “aluno incapaz” (*aphyês mathêtês*) e que, por outro lado, havia igualmente anedotas sobre o estereótipo do “professor incompetente” (*aphyês didaskalos*). Outras passagens da Antiguidade grega corroboram o estigma imposto sobre tais alunos e confirmam a ideia, sugerida no **Filógelo**, de que a incapacidade de aprender se devia mais a características indesejáveis da personalidade ou à falta de propensão natural para os estudos do que a uma incapacidade cognitiva propriamente dita, essas faltas podendo ser remediadas mediante esforços bem dirigidos do professor. A análise mostra, ainda, que outras expressões pejorativas apareciam em situações de preconceito (*anagôgia*, *amathia* e *apaideusia*), mas, em geral, sugeriam mais falta de educação do que resistência à educação ou dificuldade de aprendizagem. Além disso, ao contrário do que alguns estudiosos têm afirmado (LOPES; FABRIS, 2005), chega-se à conclusão de que, ao menos em seu sentido informal, o conceito de dificuldade de aprendizado não é uma invenção moderna. Finalmente, contrastando com sua atual função de “esponja sociológica”, fica claro, nos textos antigos, que a dificuldade de aprendizagem se referia, na antiga *paideia*, a déficits de motivação e de disposição natural, emocional ou intelectual, mas não necessariamente se referia às dificuldades de ordem física ou cognitiva.

ANDREASSI, M. **Le facezie del Philogelos**: barzellette antiche e umorismo moderno. Lecce: P. Multimedia, 2004.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. **Dificuldades de aprendizagem**: que são? como entendê-las? Porto: Porto Editora, 1999.

CRUZ, V. **Dificuldades de aprendizagem**: fundamentos. Porto: Porto Editora, 1999.

DAWE, R. D. **Philogelos**. München/Leipzig: K. G. Saur, 2000.

JENNINGS, Victoria. Review of R. D. Dawe, **Philogelos**. **Bryn Mawr Classical Review**, 2001.04.05. Disponível em: <http://bmcr.brynmawr.edu/2001/2001-04-05.html>. Acesso em: 14 out. 2016.

LOPES, Maura C.; FABRIS, Elí H. **Dificuldade de aprendizagem**: uma invenção moderna. Caxambu, MG: 28<sup>a</sup>. Reunião Anual da ANPED, 16-19 out. 2005. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt15/gt15874int.rtf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 7. ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1990?

QUINN, John T. 45 jokes from **The laughter lover**. **Diotima**, 2001. Disponível em: [http://www.stoa.org/diotima/anthology/quinn\\_jokes.shtml](http://www.stoa.org/diotima/anthology/quinn_jokes.shtml). Acesso em: 14 out. 2016.

SANTOS, Jorge L. **A escrita e as TIC em crianças com dificuldades de aprendizagem**: um ponto de encontro. Tese de Mestrado em Educação Especial. Minho, Universidade do Minho, 2006. 268f.

THIERFELDER, A. (Ed.). **Philogelos der Lachfreund von Hierokles und Philagrios**. Munich: Heimeran, 1968.

TORRES, Milton L. **A impostura em Aristófanes**. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2014. 350f.